

# Hiromi Nagakura

até a Amazônia com

# Ailton Krenak

(edições) MIS

2 0 2 5

Idealização

INSTITUTO **TOMIE OHTAKE**

Realização

instituto **mirante**

**M**  **S**

MUSEU  
DA IMAGEM  
E DO SOM  
CE



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DA CULTURA

Apresentação

Textos curatoriais

O encontro de Nagakura e Krenak -  
fotógrafo e curador

Krĩcatijê – Krikati (Maranhão)

A'uwê Uptabi – Xavante (Mato Grosso)

Guarani – M'bya, Ñandeva e Kaiowá  
(São Paulo e outros estados)

Yawanawá – Acre – rio Gregório  
(também no Peru e Bolívia), município  
de Tarauacá

Yanomami (Roraima e Amazonas,  
Venezuela)

Huni Kuin – Kaxinawá (Rios Tarauacá,  
Jordão, Breu, Muru, Envira, Humaitá e  
Purus, Acre, Amazonas e Peru)

Huni Kuin – Kaxinawá (Rios Tarauacá,  
Jordão, Breu, Muru, Envira, Humaitá e  
Purus, Acre, Amazonas e Peru)

Ashaninka (Vale do rio Juruá – Acre e  
Peru)

Ficha Técnica



# Hiromi Nagakura

até a Amazônia com

# Ailton Krenak

O Museu da Imagem e do Som do Ceará acolhe a exposição “Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak”, resultado de uma parceria com o Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. A mostra é um encontro potente entre imagem e memória, arte e resistência, território e ancestralidade, fruto de um diálogo sensível entre o fotógrafo japonês Hiromi Nagakura e o líder indígena brasileiro Ailton Krenak, que é ambientalista, escritor e uma das principais vozes do saber indígena na atualidade.

Com curadoria de Ailton Krenak, a exposição traz uma seleção única de registros realizados pelo grande fotógrafo japonês entre 1993 e 1997 por meio de diversas expedições aos estados do Acre, Roraima, Mato Grosso, Maranhão, São Paulo, Pará e Amazonas. Foram sete viagens pela Amazônia, algumas durando até 40 dias. Juntos, Krenak e Naga-

kura puderam aproximar-se, conviver e registrar a cultura dos povos Krikati, Gavião, Xavante, Huni Kuin, Yawanawá, Ashaninka e Yanomami. As imagens revelam os modos de vida, os gestos, os cantos e os corpos dos povos originários da Amazônia brasileira e do cerrado.

A mostra, que já passou pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, chega a Fortaleza com a possibilidade singular de percorrer a potente trajetória de Hiromi Nagakura no fotojornalismo internacional.

Integrando a programação do Abril Indígena no MIS, a exposição reafirma o compromisso do Museu da Imagem e do Som do Ceará com a construção de espaços em que a imagem sirva à escuta de vozes que persistem, que sonham, que resistem.

Em agosto de 1993 deu-se o primeiro de muitos encontros que uniriam dois caminhos aparentemente tão diversos. Hiromi Nagakura, fotógrafo japonês, havia chegado recentemente ao Brasil para mais uma de suas viagens. Ainda não conhecia pessoalmente o ativista indígena Ailton Krenak, mas ao tomar contato com as imagens do discurso emblemático do futuro amigo na Assembleia Constituinte (4 set. 1987), almejou tê-lo como parceiro e interlocutor em sua busca pelas diferentes etnias dos povos originários brasileiros.

Além da distância geográfica, a barreira do idioma também parecia ser um entrave para esse encontro. Eliza Otsuka, intérprete de Nagakura, foi responsável pela aproximação desses universos, participando a partir daí de uma série de percursos realizados em conjunto, embriões de uma longa amizade.

A exposição agora apresentada ao público brasileiro traz uma seleção única de registros realizados pelo grande fotógrafo japonês nos anos 1990 por meio de diversas expedições aos estados do Acre, Roraima, Mato Grosso, Maranhão, São Paulo, Pará e Amazonas. Juntos, Krenak e Nagakura puderam aproximar-se, conviver e registrar a cultura dos povos Krikati, Gavião, Xavante,

Huni Kuin, Yawanawá, Ashaninka e Yanomami.

Com curadoria de Ailton Krenak, a mostra que já passou pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, chega agora à Fortaleza com a possibilidade singular de percorrer a potente trajetória de Hiromi Nagakura no fotojornalismo internacional.

Agradecemos primeiramente a todo o povo das aldeias, homens, mulheres e crianças que receberam Hiromi Nagakura e Ailton Krenak em suas casas com generosidade e alegria: Watoriki (Yanomami), São Pedro (Xavante), Mãe Maria (Gavião), São José (Krikati), Nova Esperança (Yawanawá), Apiwtxa (Ashaninka) e São Joaquim (Kaxinawá). Agradecemos a Angela Pappiani, Eliza Otsuka e Priscyla Gomes pela dedicação e assistência na curadoria deste projeto.

A exposição Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak não seria possível sem o apoio do Museu de Imagem e Som Chico Albuquerque. O Instituto Tomie Ohtake agradece à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará e ao Instituto Mirante de Arte e Cultura.

**INSTITUTO TOMIE OHTAKE**

É com grande honra que o Museu da Imagem e do Som do Ceará Chico Albuquerque (MIS) acolhe a exposição Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak, resultado de uma parceria com o Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. A mostra é um encontro potente entre imagem e memória, arte e resistência, território e ancestralidade, fruto de um diálogo sensível, entre o fotógrafo japonês Hiromi Nagakura e o líder indígena Ailton Krenak. As imagens, captadas durante os anos 1990, revelam os modos de vida, os gestos, os cantos e os corpos dos povos originários da Amazônia brasileira e do cerrado - Huni Kuin, Yawanawá, Ashaninka, Yanomami, Krikati, Gavião, e Xavante - em um tempo em que ser visto era também um gesto de luta. São imagens que apelam para a necessidade premente de inverter a lógica da “colonialidade do saber” em que os modelos ocidentais de desenvolvimento ignoram conhecimentos ancestrais. O MIS do Ceará, com esta exposição, reafirma seu compromisso com a construção de espaços em que a imagem sirva não ao espetáculo, mas à escuta de vozes que persistem, que sonham, que resistem, procurando se engajar profundamente nas complexidades, ambiguidades e contradições do mundo em que vivemos.

Hiromi Nagakura, com sua lente generosa e sua presença discreta, torna-se cúmplice de uma fabulação real, em que a fotografia não captura, mas compartilha. A curadoria de Ailton Krenak opera como uma contranarrativa aos modos dominantes de representa-

ção, deslocando a lógica colonial do olhar e nos convocando à responsabilidade do encontro. Aqui, a imagem não é mero reflexo do visível, mas um ato político que reivindica o direito à existência, à memória e ao futuro — um futuro que só pode ser imaginado se houver, como diria Paulo Freire, o direito de dizer, criar e recriar o mundo.

São imagens que pensam. Elas convocam o público a romper com a lógica passiva do olhar - que é o ato natural de receber nos olhos a forma e a semelhança - e a se engajar no ver, na tentativa de conhecê-las bem fazendo com que o observador se constitua como sujeito. É um mergulho ético nas culturas que resistem ao apagamento histórico e nos instigam a uma apreensão dos sujeitos -, nos corpos, nos gestos, nas posturas - e que promove, no corpo a corpo com o mundo, interferências e transformações. Dar a ver é, também, dar a ouvir; e a imagem que escuta torna-se campo de resistência, lugar onde se embaralham as fronteiras entre arte e política, entre o passado e o presente.

Em tempos de retrocessos sociais e ataques sistemáticos aos direitos dos povos indígenas, esta exposição se inscreve como uma rachadura na ordem visual dominante, um espaço onde a imagem resiste, desestabiliza, reinventa. Ao olhar para estas fotografias, somos convidados a deslocar nosso olhar - a ver com outros olhos, e sobretudo, a escutar com outra escuta.



# A sombra e o Samurai

**AILTON KRENAK**  
Curador

Nagakura-san é um samurai. Sua espada é uma câmera que ele maneja com a segurança de quem já passou por campos de refugiados e esteve no centro das praças de guerra, por lugares como África do Sul, Palestina, El Salvador e Afeganistão.

No Afeganistão, antes da chegada do Talibã, registrou a entrada vitoriosa do grande líder popular Massoud em Cabul. Massoud, aquele chefe tribal que organizou a resistência nacional para expulsar os russos na década de 1990 e que foi assassinado pelos Estados Unidos da América 2 dias antes do atentado de 11 de setembro de 2001.

Nagakura-san acompanhou na África do Sul desde a libertação de Mandela até a derrubada do apartheid com reportagens que eternizaram a década de 1990 como um divisor de épocas.

Depois desse mergulho no inferno global, quando sentiu de perto a loucura dos seres humanos, o samurai da câmera descobriu a floresta amazônica e seus povos nativos.

Fui seu guia nessa entrada na floresta, um presente que a vida nos concedeu. Nós dois tínhamos a mesma idade, assim como nosso amigo Massoud. Nagakura-san tomou isso como motivo para criar um projeto de docu-

mentários simultâneos em três continentes: América Latina, África e Ásia.

Entrava abrindo caminhos com sua câmera, e nas viagens de fechamento dos documentários trazia com ele um diretor e um cameraman da emissora de televisão japonesa NHK que faziam matérias de apresentação temática para o público japonês.

Seres Humanos foi o título de seu primeiro livro publicado no Japão com a série de reportagens feitas entre 1994 e 1996, antecedido de publicações nos jornais e revistas, com repercussão em todo o país, claro. Pois Nagakura-san é fotógrafo de um continente, como nosso Sebastião Salgado. Pois não encontro melhor semelhança para indicar a importância de seu trabalho além desta comparação simplista entre as duas personalidades engajadas, sempre surfando na crista do perigo e antenadas com as questões mais vibrantes do planeta: seres humanos e natureza.

Esses dois assuntos são um mesmo e eterno problema na lente desse samurai que aceitou ser minha sombra por 4 anos seguidos, em sete viagens pela Amazônia, algumas durando até 40 dias. Passando por lugares onde somente os indígenas andaram antes dele, cobrindo conflitos de terra, garimpagem

clandestina, invasões. Além de acompanhar festas e rituais nas aldeias do Acre, Mato Grosso, Maranhão, Roraima e Amazonas.

Eliza-san, este é o nome de nosso anjo nissei que fez as vezes de intérprete para todas as nossas entrevistas, dezenas de horas em barcos, canoas, beiras de rios, barrancos e terreiros das aldeias. Lá na fronteira do Brasil com a Guiana Inglesa, no Alto Rio Juruá, divisa com o Peru, no cerradão do Mato Grosso, nas aldeias Xavante, além do Rio das Mortes. Por todos esses lugares, juntos, nunca dispensamos essa valente e discreta companhia sempre pronta para uma conversa com pelo menos três falantes de línguas estranhas entre si. Eu não falo nem entendo japonês. Nagakura-san, nada de português. Eliza Otsuka foi a nossa salvação.

Nossas viagens foram registradas em livros, exposições e documentários para a NHK, canal aberto para milhões de pessoas. O livro Seres Humanos – Amazônia, lançado em 1998 em Tóquio, teve enorme repercussão e foi seguido de duas exposições e exibição em programas na TV com muita mídia voluntária, abrindo espaço para o reconhecimento do Brasil, Amazônia e povos indígenas por 2 semanas seguidas no Japão. Acompanhei, como convidado especial, Hiromi Nagakura em programas ao vivo na TV em horário nobre, antecedido por fala de fim de ano do imperador. Não foi pouca coisa o impacto dessas exposições e livros-reportagens para a formação de uma opinião pública esclarecida sobre a realidade dos Yanomami e Xavante, e da Amazônia mesma. Afinal, nós andamos por dezenas de aldeias nas cabeceiras dos rios Juruá, Negro e Demini, Tarauacá e Rio Gregório, além de cortar estradas pelo

cerrado e regiões de florestas onde a vida continua vibrante como nos primórdios da criação.

E os Seres Humanos ainda dançam para o sol do meio-dia, cantam para encerrar o dia e brincam na chuva como crianças felizes com a vida.

Subimos por rios indígenas, seguindo de canoa, a pé pelas trilhas ou em voos de pequenos aviões que descem e decolam de clareiras na floresta menores que uma quadra de futebol.

Nagakura-san foi a minha “sombra que anda” por quase 5 anos, de 1993 a 1997, em duas viagens por ano, visitando mais de uma vez todas as aldeias de nossos amigos que viveram junto com a gente esses tempos de aventura e coragem.

Aventura que começamos numa conversa, sentados em esteiras, na sede da Aliança dos Povos da Floresta, no bairro do Butantã, em São Paulo, onde Eliza-san me apresentou o plano de viagens do samurai Nagakura e resumiu com estas palavras o conceito todo do projeto para alguns anos dali pra frente: “ele vai ser a sua sombra por onde você for, quando estiver dormindo e quando estiver acordado...”.

Fiquei um pouco incomodado, mas vi que era coisa de samurai e topei. Esta história toda está reunida em um dos livros que mais apreciei sem nunca ter conseguido ler uma única linha, escrito em nihongo e publicado pela editora Tokuma, de Tóquio, em 1998, intitulado Assim como os rios, assim como-pássaros: uma viagem com o filósofo da

floresta, Ailton Krenak, que assumi como minha biografia feita por Hiromi Nagakura.

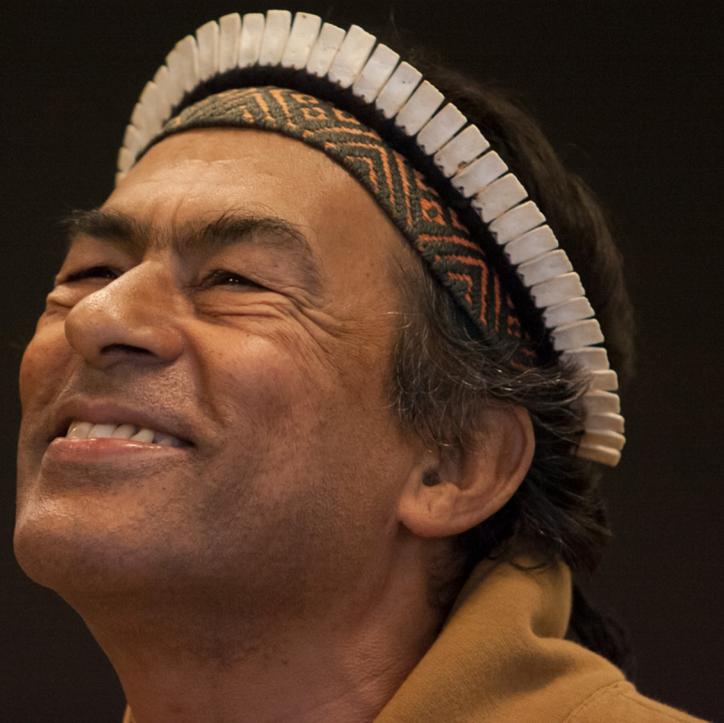
Nagakura-san, assim como eu, teve duras travessias ao longo das décadas que separaram o nosso último encontro, no final da década de 1990, e estes anos 20 do século XXI, com perdas incalculáveis para o mundo que compartilhamos, quando os human beings se afastaram do cuidado com as florestas que tanto amamos.

Ficamos também mais velhos e calejados com a luta por um mundo possível, de convivência entre humanos e não humanos, adentrando a realidade das mudanças climáticas, exigindo de cada um de nós mais coragem e disposição para lutar.

Este ano conseguimos, enfim, reunir esforços para fazer uma celebração em torno dessa amizade alimentada pelo sonho e beleza da obra do fotógrafo Hiromi Nagaku-

ra, que segue viajando por regiões fora da cartografia ocidental, como Vietnã, Tailândia, Madagascar e Sibéria, lugares de sentido profundo para a continuidade de seu trabalho dedicado à infância em convívio com espaços onde a natureza em transformação ainda oferta visões do paraíso na Terra.

A exposição Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak, no Instituto Tomie Ohtake, traz algumas das belas imagens que nossas viagens às aldeias e comunidades na Amazônia brasileira, entre 1993 e 1997, permitiram registrar. Momentos de intimidade e contentamento entre “amigos para sempre” que inspiraram esta mostra fotográfica mediada por encontros com algumas das pessoas queridas que nos receberam em suas cozinhas e canoas, suas praias de rios e nas aldeias: Ashaninka, Xavante, Krikati, Gavião, Yawanaá, Huni Kuin e comunidades ribeirinhas no Rio Juruá e região do lavrado em Roraima.



# O encontro de Nagakura e Krenak

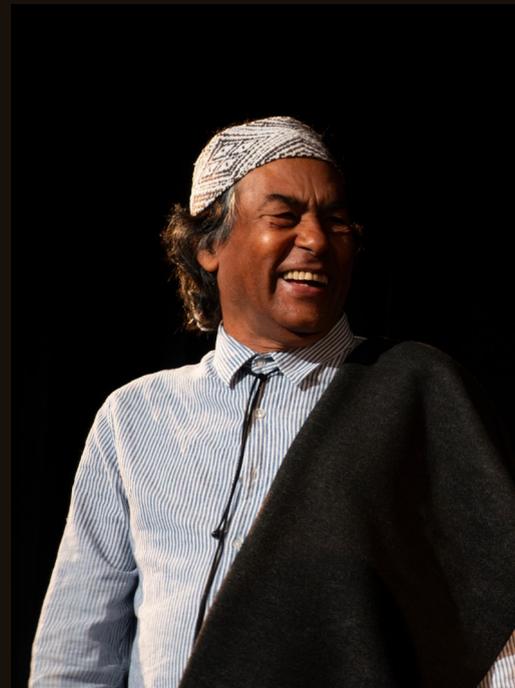
Em agosto de 1993 deu-se o primeiro de muitos encontros que uniriam dois caminhos aparentemente tão diversos. Hiromi Nagakura, fotógrafo japonês, havia chegado recentemente ao Brasil para mais uma de suas viagens. Ainda não conhecia pessoalmente o ativista indígena Ailton Krenak, mas ao tomar contato com as imagens do discurso emblemático do futuro amigo na Assembleia Constituinte (em 4 de setembro de 1987), almejou tê-lo como parceiro e interlocutor em sua busca pelas diferentes etnias dos

povos originários brasileiros.

A curadora assistente Angela Pappiani explica a relação entre os dois em seu texto curatorial: “Para esse caminho que penetrava nas florestas, rios e cerrados, Nagakura-san escolheu um guia, uma pessoa que pudesse apresentá-lo aos lugares e seus habitantes, e que também pudesse traduzir o pensamento, a filosofia, a poesia dos povos originários lhe permitindo o diálogo fantástico com todos os seres: gentes, bichos, árvores, montanhas, céu e terra.”



Hiromi Nagakura



Ailton Krenak

# Hiromi Nagakura

Hiromi Nagakura nasceu em 1952 na cidade de Kushiro, ao norte da ilha de Hokkaido, no Japão. Desde criança, amou gente e a natureza, interessado em pessoas e culturas de outros lugares do mundo. Sentia-se atraído pelo novo, pelo desconhecido.

Viajou para destinos diversos, visitou as ilhas do Pacífico Sul, entrou em contato com povos nômades do Afeganistão. Foi então que sentiu a necessidade de documentar seus encontros e começou a praticar e se aperfeiçoar nas técnicas da fotografia. Para ele, desde o início, a fotografia sempre foi um instrumento para se relacionar com o mundo e a diversidade de culturas, paisagens e pensamentos.

Formou-se em direito, mas seguiu a carreira de fotógrafo. Trabalhou na agência noticiosa

Jiji Press porque admirava os fotógrafos reconhecidos por seus trabalhos de cobertura de guerras. Em 1979, com 27 anos, Nagakura decidiu tornar-se fotojornalista independente, caminho que acabou levando-o a conhecer a África do Sul, Zimbábue, União Soviética, Afeganistão, Turquia, Líbano, El Salvador, Bolívia, Peru, Brasil, Indonésia, México, Groenlândia e vários outros países, em todos os continentes.

Realizou centenas de viagens e exposições, publicou dezenas de livros, foi personagem de inúmeros documentários, escreveu reportagens, ministrou oficinas e palestras, recebeu prêmios. Sua obra, já reconhecida no Japão, é exposta pela primeira vez no Brasil na exposição “Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak”, com curadoria desse amigo e personagem de seu trabalho.

# Ailton Krenak

Ailton Alves Lacerda Krenak nasceu em 1953 no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, quando o povo Krenak vivia no exílio, expulso de seu território tradicional por invasores que ocuparam e depredaram as matas densas às margens do Watu, como o povo originário chama seu avô-rio.

Depois, nos anos de ditadura, a antiga aldeia Krenak foi transformada em prisão indígena, testemunha da violência contra os povos que insistiam em desafiar a ordem imposta vivendo de um modo diferente.

Ailton viveu parte de sua vida em São Paulo, onde estudou e começou sua militância no movimento que surgia no final dos anos 1970, reunindo indígenas de muitas etnias em torno de uma luta comum por direitos.

Sua imagem pintando o rosto de preto no Congresso Nacional tornou-se símbolo da resistência indígena na Constituinte. Coordenou a União das Nações Indígenas, o Núcleo de Cultura Indígena, o Centro de Pesquisa Indígena, a Embaixada dos Povos da Floresta e a Aliança dos Povos da Floresta ao lado de seringueiros, extrativistas e ribeirinhos pela

vida da (e com a) Floresta.

Regressou nos anos 2000 a seu território, que ajudara a consolidar em 1999. Hoje vive às margens do Watu, ferido pela lama do rompimento da barragem de dejetos da Samarco em 2015.

Ali o povo se fortalece, rememora a língua e os ritos, restabelece a vida. Nos últimos anos, Ailton Krenak tem se dedicado à manifestação do pensamento através do som e do poder sagrado das palavras, refletindo sobre temas que afetam a todas e todos nós, seres vivos de todas as humanidades, companheiros da mesma canoa Terra que navega no firmamento.

Suas palavras estão registradas em livros que nos aproximam da cosmologia dos povos originários e confrontam nossa vida cotidiana. É autor dos livros “Ideias para Adiar o fim do mundo” (Companhia das Letras, 2019), “O amanhã não está à venda” (Companhia das Letras, 2020), “A vida não é útil” (Companhia das Letras, 2020), “Futuro ancestral” (Companhia das Letras, 2022) e “Um rio um pássaro” (Dantes Editora, 2023). Em 2022, foi eleito imortal pela Academia Brasileira de Letras.



# Krĩcatijê — Krikati

(Maranhão)

Tempo de contato: 250 anos

Tronco linguístico Macro-jê, Família Timbira

População: cerca de 1.200 pessoas

Os **Krĩcatijê** – “aqueles da aldeia grande”, como se autodenominam os Krikati – são um povo guerreiro. Pertencem à grande família dos Timbira. Mesmo com mais de 250 anos de contato com os colonizadores que ocuparam essa região do Maranhão com disputas e violências, esse povo luta bravamente para manter seu território tradicional e sua cultura.

A Terra Indígena Krikati, demarcada nos anos 1990, está localizada nos municípios de Montes Altos e Sítio Novo, a sudoeste do estado, nas bacias dos rios Tocantins e Pindaré-Mearim.

Apesar de demarcado, o Território sofre invasões e depredações do patrimônio natural, havendo até mesmo projetos governamentais de desenvolvimento, como a construção de linhas de transmissão de energia no Território, sem consulta nem estudos de impacto. O povo Krikati se mobiliza para proteger a terra e suas tradições.

Toda a vida da aldeia se divide em dois grandes tempos: o tempo das chuvas, quando acontecem os rituais ligados à fartura e à natureza, e o tempo da seca, quando acontecem as cerimônias de iniciação dos jovens.

Os cantos são o eixo das cerimônias que reúnem o povo em torno da grande árvore “barriguda” no centro da aldeia principal de São José. A força vem do canto coletivo, do movimento vigoroso do maracá nas mãos do puxador, das vozes de homens e mulheres ecoando no cerrado durante a noite toda. As coreografias da dança e os corpos pintados de jenipapo e urucum imitam os movimentos e as formas da natureza.

Nagakura-san se apaixonou pelo povo Krikati, por sua beleza e espontaneidade, resiliência, bravura e doçura. Visitou a aldeia em três ocasiões diferentes.



Krīcatijē – Krikati



Krīcatijē – Krikati



Krīcatijē – Krikati



Krīcatijê – Krikati



# A'uwê Uptabi — Xavante

(Mato Grosso)

Tempo de contato: 75 anos

Tronco linguístico Macro-jê

Aproximadamente 23 mil pessoas

O povo **Xavante** se autodenomina A'uwê Uptabi – “gente verdadeira”. É guerreiro e caçador. Vive nos vastos campos do cerrado, desde que os ancestrais atravessaram o rio das Mortes há quase 200 anos. Resistiram bravamente à entrada das frentes de atração na década de 1940, atacando com flechas e bordunas os aviões que sobrevoavam a aldeia.

A pacificação dos “warazu” – os estrangeiros – se deu a partir de 1946, durante a Grande Marcha para o Oeste, iniciada no governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Apesar de terem nove Terras Indígenas demarcadas, em diferentes municípios do estado do Mato Grosso, cada uma delas lida com diferentes ameaças ao patrimônio físico e cultural, com interferência de religiões, agronegócio, projetos de desenvolvimento e avanço das cidades. Os A'uwê são de uma linhagem antiga, vieram da raiz do céu. Os homens usam o brinco e a gravata cerimonial de algodão. Homens e mulheres se pintam com jenipapo, carvão e urucum, tiram as sobrancelhas e os cílios, usam cordinhas nos pulsos e pernas.

O corte de cabelo, os adornos e pinturas dão identidade ao povo Xavante que segue praticando seus rituais de formação dos jovens e iniciação espiritual. O sonho direciona a vida, dá o rumo, a orientação, responde a todas as questões. É no sonho que chegam os cantos, transmitidos pelos ancestrais e partilhados com todo o povo da aldeia.

A cerimônia de furação de orelha é um marco para toda a comunidade. Acontece a cada 5 anos, quando os meninos que ficaram reclusos na casa dos solteiros completam seu aprendizado dos princípios da tradição.

Nagakura-san ficou impressionado com a força e determinação do povo e com o sentido de vida coletivo. As imagens revelam essa admiração nas danças circulares e no grupo de homens deitados no pátio central, reunidos para sonharem juntos.



A'uwê Uptabi – Xavante



A'uwê Uptabi – Xavante



A'uwê Uptabi - Xavante



# Yawanawá

Acre – rio Gregório (também no Peru e Bolívia), município de Tarauacá  
Tempo de contato – aproximadamente 150 anos  
Tronco linguístico Pano  
Aproximadamente mil pessoas

O povo **Yawanawá** é o povo da queixada. Vive às margens do rio Gregório, nas muitas curvas que ele faz cruzando as florestas onde antes era apenas território tradicional e hoje é o município de Tarauacá, no Acre.

Os Yawanawá vivem um intenso momento de fortalecimento de sua cultura e dos conhecimentos tradicionais depois de passarem, do começo do século XX até os anos 1970, por um período de escravidão e apagamento, quando os seringalistas ocuparam os territórios e subjugaram as populações tradicionais do Acre.

As casas cobertas de palha, com piso e esteios em paxiúba, palmeira de madeira resistente e escura, são espaços amplos e abertos para a natureza, lugar de convivência e aprendizado, de construção da cultura e relação com o mundo espiritual.

Depois de se reconhecerem e serem reconhecidos como um povo originário, conquistando a demarcação de seu território, buscaram recuperar e fortalecer as tradições proibidas por tanto tempo. Hoje buscam divulgar sua cultura e espiritualidade, convidando os não indígenas a conhecerem seu modo de vida e participarem de suas cerimônias que reúnem jovens e anciãos de várias aldeias em celebrações vigorosas.

As reclusões de iniciação espiritual envolvem dietas e ingestão de plantas de poder que dão os ensinamentos por meio de visões e sonhos. Os rituais de cura envolvem o Uni, como chamam a ayahuasca.

Nagakura-san visitou a aldeia Yawanawá com o amigo Ailton Krenak, quando conviveu com o povo em dias de festa e alegria registrados em suas imagens.



Yawanawá



Yawanawá



Yawanawá



# Yanomami

(Roraima e Amazonas, Venezuela)

Tempo de contato – mais permanente há cerca de 70 anos

Língua Yanomami

Aproximadamente 28 mil (no Brasil)

Os **Yanomami**, em seus diversos subgrupos que se deslocam e criam suas aldeias nas florestas do extremo norte do Brasil, talvez sejam o último grande grupo humano vivendo de forma tradicional e livre, com seu conhecimento, sabedoria e arte à semelhança de seus ancestrais criados por Omame.

Durante milhares de anos viveram com saúde, desenvolvendo suas tecnologias da floresta, sem nenhuma dependência do mundo que se agitava e se fechava em torno de suas aldeias. Referências sobre eles existem em relatos desde o começo do século XX, mas a pressão dos “nape” – os estrangeiros/inimigos – só chegou de forma avassaladora e destrutiva nas décadas de 1960 e 1970, os anos de ditadura, quando o governo decidiu ocupar “o grande vazio” da Amazônia sem enxergar as populações que ali construíam sua humanidade. Centenas de homens, mulheres e crianças morreram vítimas de epidemias e balas, centenas de quilômetros de rios e florestas foram e ainda são destruídos pelos garimpos. A grande crise que hoje nos envergonha já se abateu outras vezes sobre esse povo. E não são essas imagens de fragilidade e dor que representam o povo Yanomami. Elas revelam a ignorância, a ganância e a desumanidade dos nape.

Os Yanomami são belos, fortes, sábios. Enfeitam-se de plumas e pinturas de urucum, cultivando roças e manejando a floresta, construindo casas monumentais no meio da mata com sua arquitetura fantástica. A alegria das crianças, as grandes cerimônias rituais, as narrativas e cantos são o legado desse povo que mantém o céu suspenso com suas pajelanças para o bem de todos nós.

Nagakura-san esteve na aldeia do Demini com Ailton Krenak por duas vezes. Encantou-se com a sabedoria do povo, com a alegria das crianças e o profundo conhecimento do grande líder Davi Kopenawa Yanomami.



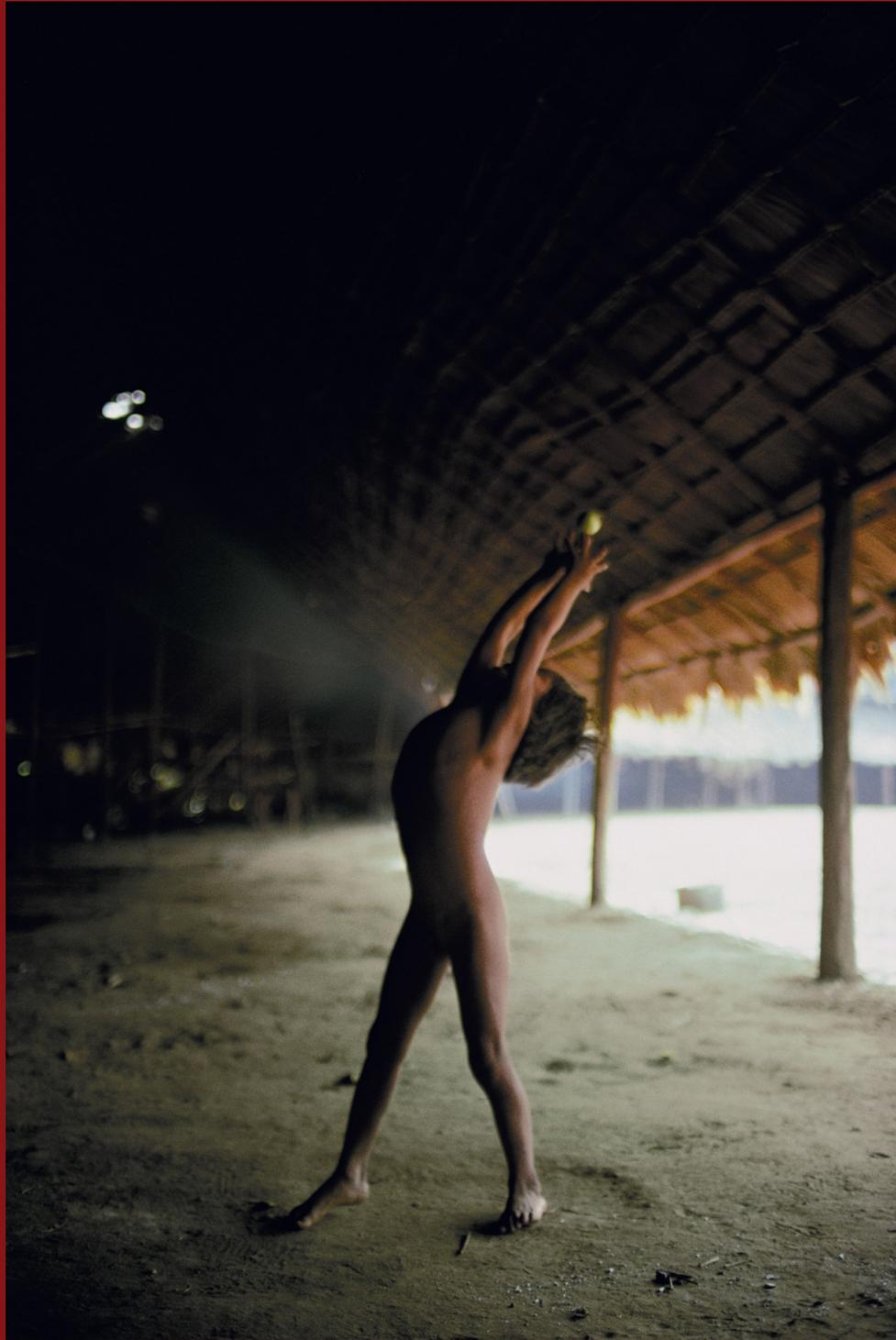
Yanomami



Yanomami



Yanomami



Yanomami



Yanomami



Yanomami



# Huni Kuin — Kaxinawá

(Rios Tarauacá, Jordão, Breu, Muru, Envira, Humaitá e Purus, Acre, Amazonas e Peru)

Tempo de contato: cerca de 120 anos

Tronco linguístico Pano

População: aproximadamente 10 mil pessoas

O povo **Huni Kuin** viveu tranquilo nas bacias dos rios Juruá e Jordão até o final do século XIX, quando a borracha se tornou artigo valioso e cobiçado, e os povos nativos, que conheciam a floresta e tinham o domínio da extração do látex, foram escravizados pelos patrões de seringa, no que chamam de tempo da “correria”. A partir da década de 1970 começam a viver o tempo do renascimento, quando recuperam a tradição adormecida durante décadas de escravidão e violências e se afirmam em sua identidade.

Os Huni Kuin – “gente de verdade” – são conhecedores profundos da ciência da floresta transmitida aos ancestrais pelos Yuxin, os espíritos/encantados, e através da sabedoria do Nishi Pay – a ayahuasca. Assim, têm tudo de que precisam para a vida na floresta: a medicina, a cura, o cultivo dos alimentos, a habilidade da arquitetura e da navegação.

As mulheres são as donas dos Kenes, os desenhos tradicionais do povo Huni Kuin, transmitidos por Yube – a Jiboia – e expressos na arte de tecer, pintar o corpo, fazer cestaria e panelas de barro. A tecelagem, transmitida por Baxem pudu, a Aranha, transforma os fios de algodão tingidos com as tintas da floresta em redes, adornos e nas roupas tradicionais do povo.

Nagakura-san subiu o rio Tarauacá até quase a divisa com o Peru, em dias de navegação em tempos de seca. Na aldeia, o fotógrafo se alegrou com as crianças e mulheres em seus trajes tecidos com as cores da floresta.



Huni Kuin – Raxinawá



Huni Kuin – Raxinawá



Huni Kuin – Raxinawá



# Akrãtikatêjê — Gavião da Montanha

(Pará)

Tempo de contato: mais intensivo a partir de 1920

Tronco linguístico Jê, língua Timbira

População: aproximadamente 800 pessoas

O povo conhecido como **Gavião**, habitante das margens do Tocantins, passou a sofrer com o avanço dos “kupen” – estrangeiros/brancos – no final dos anos 1930, quando o interesse pela castanha mobilizava empresários e políticos na região de Marabá. O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) tentou por vários anos a pacificação desse povo guerreiro para evitar que fosse dizimado pela população local. Os choques violentos com os invasores e as mortes por epidemias reduziram o povo a 30% de sua população original. O contato do SPI com os grupos Gavião só aconteceu a partir do final da década de 1940.

Depois veio o tempo de exploração da mão de obra dos indígenas na coleta da castanha pelo próprio SPI e, a partir da década de 1970, pelas grandes obras do governo militar, que mais uma vez impactaram a vida e a cultura desse povo guerreiro.

Seu território foi cortado por estrada, ferrovia e linhas de transmissão de energia, e aldeias foram alagadas pela hidrelétrica de Tucuruí. Foram décadas até que eles se reerguessem e retomassem os rituais, as festas, o orgulho de sua identidade, a alegria de viver.

Nagakura-san visitou a aldeia de Mãe Maria, onde fez poucos registros fotográficos. A única imagem do povo Gavião da Montanha nesta exposição retrata o grande líder Payaré com seu filho e uma sobrinha, num barco, no grande lago de Tucuruí, sobre sua antiga aldeia submersa.



Akrãtikatêjê – Gavião da Montanha



# Ashaninka

(Vale do rio Juruá – Acre e Peru)

Tempo de contato: cerca de 120 anos

Tronco linguístico Aruak

Aproximadamente 3 mil pessoas (no Brasil)

O povo **Ashaninka** já habitava um vasto território de florestas entre o Acre e o Peru, no Alto Rio Juruá, muito antes de se erguerem as fronteiras dos países que se apossaram dessa região. As famílias que se estabeleceram ao longo dos rios do Alto Juruá, como o Amônia e o Breu, também sofreram, como outros povos do Acre, a invasão dos seringueiros no final do século XIX, começo do XX. Guerreiros fortalecidos em sua tradição e identidade, não se deixaram escravizar, mantendo sua cultura e independência, apesar de todas as investidas. A população cresceu, áreas depredadas por invasores foram recuperadas, os cuidados com o território renderam frutos, caça, peixe e muita fartura.

Em conexão com os ensinamentos ancestrais, o sábio povo Ashaninka criou estratégias de enfrentamento e alianças com os não indígenas que chegaram a seu território. Desenvolveram parcerias, equiparam as aldeias com tecnologia de comunicação e monitoramento para controlar as invasões de madeireiros e outras ameaças à vida das pessoas e de todos os seres que ali habitam.

Seu traje tradicional – a kushma, tecida em algodão pelas mulheres –, os colares de sementes e plumas cruzados no peito, o chapéu-cocar trançado com palha de palmeira e adornado de penas de arara dão identidade a esse povo orgulhoso e senhor de seus caminhos. Nos rituais da ayahwasca o povo recebe ensinamentos e decide seu futuro.

Nagakura-san se encantou com esse povo alegre e confiante, com seus projetos de autonomia e sua música, e principalmente com a generosidade e a acolhida calorosa. As imagens revelam o povo em seu cotidiano.



Ashaninka



Ashaninka



## **Governo do Ceará**

**Elmano de Freitas da Costa**  
Governador do Ceará

**Jade Afonso Romero**  
Vice-Governadora do Ceará

**Luísa Cela de Arruda Coelho**  
Secretária da Cultura do Ceará

**Rafael Cordeiro Felismino**  
Secretário Executivo da Cultura do Ceará

**Geciola Fonseca Torres**  
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna Interna da Cultura

**Caio Anderson Feitosa Carlos**  
Coordenador da Rede Pública de Equipamentos Culturais do Ceará (Copec)

**Jéssica Ohara Pacheco Chuab**  
Coordenadora de Patrimônio Cultural e Memória (Copam)

## **Instituto Mirante de Cultura e Arte**

**Tiago Santana**  
Diretor-Presidente

**Iana Soares**  
Diretora-Executiva

**Ana Javes Luz**  
Diretora Administrativo-Financeira

**Charlene Régis**  
Superintendente Administrativo-Financeira

**Daina Leyton**  
Assessora de Educação, Acessibilidade e Memória

**Dione Silva**  
Assessora de Políticas Afirmativas e Articulação Comunitária

**Fabiano Veríssimo**  
Assessor de Ação Cultural

**Fernanda Cavalli**  
Assessora de Comunicação

**Abilio Oliveira**  
Gerente de Planejamento

**Amanda Lima**  
Gerente de Projetos Especiais e Governança

**Evelma Taveira**  
Gerente de Departamento Pessoal

**Isabel Ferreira Lima**  
Gerente de Experiência e Linguagem

**Natasha de Paula**  
Gerente de Tecnologia e Inovação

**Renata Duarte**  
Gerente de Operações e Serviços

**Vinício Brigido**  
Gerente de Desenvolvimento Humano

## **Museu da Imagem e do Som Chico Albuquerque**

Silas de Paula  
Diretor  
Natasha Faria  
Diretora Executiva  
Ligiane Viana  
Secretária  
Aline Albuquerque  
Gerente de Difusão e Ação Cultural  
Analine Fernandes  
Gerente Administrativa Financeira  
Angelique Abreu  
Coordenadora Operacional  
Cristiane Bonfim  
Gerente de Comunicação  
Kennya Mendes  
Gerente de Educação Formação  
Leliana Lopes  
Gerente de TI  
Ricardo de Avelar  
Gerente de Projetos Especiais  
Sandra Regina  
Gerente de Acervo e Pesquisa

### **Gerência de Acervo e Pesquisa**

Sandra Regina de Jesus - Gerente  
Eliene Magalhães - Coordenadora de Pesquisa  
Charlyne Moraes - Analista de Catalogação, Documentação e Gestão de Acervo  
Gabrielle Duarte Peccini - Estagiária  
Gisele Inácia - Estagiária  
Jorge Lopes - Museólogo  
Lucas Rodrigues - Estagiário  
Raimundo Batista - Técnico Especialista de Documentação, Catalogação e Gestão de Acervo  
Simone Lopes - Técnica Especialista de Documentação, Catalogação e Gestão de Acervo  
Victoria Girlen - Estagiária

### **Biblioteca Marly Mariano e Thomaz Farkas**

Leilane Lucena - Bibliotecária  
Aline Lima - Estagiária  
Aguie Lima - Estagiário  
Ivan Ribeiro - Analista de Biblioteca

### **Laboratório de Preservação Conservação e Digitalização**

César Barreto - Gerente

Alan Emmanuel - Técnico Especialista de Preservação, Conservação e Digitalização

Camile Abreu - Aragão de Lima Estagiária

David Felício - Técnico Especialista de Preservação, Conservação e Digitalização

Gabriela Dantas - Técnica Especialista de Preservação, Conservação e Digitalização

Gabriel Mendes - Analista de Preservação, Conservação e Digitalização

Ítalo de Sousa - Estagiário

Mariano Batista Mariano - Estagiário

### **Gerência Administrativa Financeira**

Analine Fernandes - Gerente

Maria Cardoso - Analista

Ronalice Firmino - Analista

### **Gerência de Comunicação**

Cristiane Bonfim - Gerente de Comunicação

Camile Queiroz - Coordenadora de Comunicação

Caio Alves Lima - Estagiário

Deivyson Teixeira - Fotógrafo

Marcus Monteiro - Designer

Natália Magalhães - Videomaker

Wlândia Costa - Técnica Especialista em Mídias Sociais

### **Gerência de Difusão e Ação Cultural**

Aline Albuquerque - Gerente

Juliana Lins - Coordenadora de Produção

Ana Letícia Sobral Coelho - Estagiária

Antônio Breno - Galerista

Dyego Ferrugem - Técnico de Iluminação

Jeff Santos - Assistente de Produção

Georgiane Carvalho - Assistente de Produção

Gil Sousa - Técnico de Audiovisual

Heitor Nunes de Sá - Técnico de Sonorização

Márcio Paiva - Técnico de Sonorização

Marcos André - Técnico de Edição de Imagem

Pedro Felipe - Produtor e Programador Cultural

Priscila Araújo - Técnica de Iluminação

Rafael Aires - Galerista

Tiago Campos - Engenheiro de Som

### **Gerência de Educação e Formação**

Kennya Mendes - Gerente  
Yan Belém - Coordenador  
Bruna Bezerra - Supervisora de Educação e Formação  
Aires - Arte-Educadora  
Caroline Rodrigues - Arte-Educadora  
Francisca Silva - Auxiliar Educativo  
Garu Pirani - Auxiliar Educativo  
Hitalo Pandit - Arte-Educador  
Julianne Pinheiro - Auxiliar Educativo  
Reli Pereira - Auxiliar Educativo  
Mikael da Silva - Intérprete de Libras  
Nair Beatriz - Auxiliar Educativo  
Naiany Menezes - Auxiliar Educativo  
Nicolle Campos - Intérprete de Libras  
Rebeca Eloi - Auxiliar Educativo  
rômã - Auxiliar Educativo  
Sam Célio - Auxiliar Educativo  
Val Araújo - Auxiliar Educativo  
Viviane Lima - Arte Educadora

### **Coordenação Operacional**

Angelique Abreu - Coordenadora Operacional  
Anderson Cabral - Supervisor Operacional  
Antônio Jefferson da Silva - Assistente Operacional  
Gabriella Silva - Recepcionista  
Israel da Silva Lima - Eletricista  
Karoline Vinuto - Recepcionista  
Paloma Souza - Recepcionista  
Paulo Cássio Cardoso de Oliveira - Pintor  
Reginaldo da Silva - Auxiliar de Manutenção  
Thalys Wendel Borges da Silva - Auxiliar de Manutenção  
Vitor da Silva Paiva - Recepcionista

### **Gerência de Projetos Especiais**

Ricardo de Avelar - Gerente  
Willder Azevedo - Desenvolvedor

### **Gerência de Tecnologia e Informação**

Leliana Lopes - Gerente de TI  
Allan Oliveira - Analista de Helpdesk  
Wallison Avelino - Técnico de Broadcast  
Jean Oliveira - Analista de Infraestrutura e Redes

### **Equipe Terceirizada**

Adriano da Silva Brito - Segurança  
Ana Lúcia Moraes do Valle - Auxiliar de Serviços Gerais  
Anne Kamila Teixeira da Costa - Auxiliar de Serviços Gerais  
Dioneia Santos Andrade - Auxiliar de Serviços Gerais  
Bruno Giordano do Nascimento - Brigadista  
Carlos Antônio Paulino Queiroz - Segurança  
Denilson Rodrigues de Lima - Apoio  
Elenilson Oliviera da Silva - Segurança  
Francisco César Batista - Segurança  
Francisco Jeová Rodrigues - Segurança  
Genice Pinto Sousa - Brigadista  
Janaína Cibele Correia Marques - Brigadista  
Jarison Neres de Sousa - Segurança  
Jemima Quezia Sousa Paula - Brigadista  
Joabne de Souza Santos - Apoio  
José Anselmo do Nascimento Neto - Segurança  
José Belvandi Alencar de Freitas - Brigadista  
José Emerson de Sousa Araújo - Segurança  
Jucirlan da Silva - Segurança  
Laís Rodrigues de Sousa - Brigadista  
Luís Paulo Xavier de Sousa - Segurança  
Maíara Teixeira de Sousa - Auxiliar de Serviços Gerais  
Manoel Alcântara Moreira - Segurança  
Marcos Antônio de Sousa Costa - Segurança  
Maria Laís da Andrade Franco - Auxiliar de Serviços Gerais  
Maria Melo - Supervisora Interativa  
Paulo Henrique Mota de Castro - Segurança  
Robervan Rocha Honorato - Segurança  
Romário Matos da Costa - Segurança  
Wellington de Almeida Paula - Segurança

## **Exposição**

Instituto Tomie Ohtake - Realização

Ailton Krenak - Curadoria

Angela Pappiani - Assistência de Curadoria

Eliza Otsuka - Assistência de Curadoria

Priscyla Gomes - Assistência de Curadoria

Ana Roman, Sabrina Fontenele - Acompanhamento Institucional

André Luiz Bella, Carolina Pasinato, Maria Fernanda Rosalem, Pedro

Lemme, Rodolfo Borbel, Tamara da Silva Pereira, Victor Constantino -

Produção e Coordenação de Montagem

Ligia Zilbersztein - Projeto Expográfico

Felipe Carnevalli, Paula Lobato, Tie Ito, Vitor Cesar - Design Gráfico

Armando Olivetti, Divina Prado - Revisão

Ben Kohn, Pedro Lemme - Tradução

MONTAGEM DA EXPOGRAFIA

Dora Coelho - Estúdio Oficina - Coordenação de Montagem

Amanda Santana - Assistência de Montagem

Jéssica Marques - Akôarte Produção de Montagem

Jorge Lopes - Museologia

Aureliano Medeiros - Cenotecnia

Edson Carlos de Souza - Pintura

ACruz e Oficina Oggin - Montagem das obras

SPH - Super Print House - Impressão

Nativo Estúdio de Design - Sinalização

Priscila Araújo - Iluminação

Art! em Libras - Acessibilidade Cultural Mapa Tátil

Merremii Karão Jaguaribaras - Arte Mural

# Hiromi Nagakura

até a Amazônia com

# Ailton Krenak

(edições) MIS

2 0 2 5

Idealização

INSTITUTO **TOMIE OHTAKE**

Realização

instituto  
**mirante**

M  S

MUSEU  
DA IMAGEM  
E DO SOM  
CE



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DA CULTURA